

***EU QUERO MORRER, POIS SOU CRISTÃO!* - AS FRONTEIRAS CONCEITUAIS ENTRE MARTÍRIO E MORTE VOLUNTÁRIA NA ANTIGUIDADE TARDIA**

Alexandre H. Reis¹, Ana Rieger Schmidt²

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a investigar as distâncias e aproximações conceituais entre o *martyrium* e a *morte voluntária* no contexto da Antiguidade Tardia, especialmente à luz das *Atas dos Mártires* e dos principais teólogos e filósofos que abordaram o tema no final do século IV e início do V. A discussão é propriamente filosófica, embora suas fronteiras sejam igualmente difíceis de serem delimitadas quando nos aproximamos do campo teológico. O objeto de nossa investigação é a complexidade dos conceitos que envolvem a morte em um contexto cristão, onde a figura do mártir emerge como um modelo de virtude.

O objetivo central é delinear como esses conceitos se inter-relacionam, definindo não apenas a visão cristã da morte, mas também o impacto cultural e religioso que essas definições acarretam. Para isso, realizamos uma pesquisa de fontes, incluindo textos clássicos e escritos de autores como Orígenes, Agostinho e Tertuliano, cujas obras fornecem uma base fundamental para a compreensão das diferenças entre martírio e morte voluntária.

A fundamentação teórica é alicerçada em uma ampla revisão da literatura sobre o tema, incluindo as análises de Hans Von Campenhausen, que examina a singularidade do martírio cristão, e as críticas contemporâneas de Lorraine Buck, que contesta a visão de Ste. Croix sobre a prevalência do martírio voluntário. Buck argumenta que a falta de evidências conclusivas sobre a natureza voluntária das prisões e execuções sugere que muitos desses casos podem ter sido mal interpretados ou até mesmo exagerados. Nesse debate, as posições de Arthur Droge e James Tabor se destacam ao expandir essa discussão, observando que alguns cristãos chegaram a se suicidar sem condenação por parte dos líderes romanos, inspirados pela tradição greco-romana da morte nobre, onde o suicídio era visto como uma forma legítima de enfrentar a opressão ou a desonra. Embora não utilizemos facilmente o vocábulo *suicídio* para qualificar a *mors voluntaria* dos romanos, como se pode compreender pela leitura de nossos trabalhos já publicados, essa questão nos leva a investigar por que os estudiosos contemporâneos, mesmo reconhecendo a história do vocábulo *suicidium* (como George Minois, Droge e Tabor), não fazem uma distinção clara entre o termo de origem moderna e as expressões usadas pelos antigos.

Optaremos preferencialmente pelos termos *morte voluntária* ou *morte espontânea*, que podem ser encontradas em Santo Agostinho e que torna nossa leitura e diálogo com o filósofo mais precisos. Nosso interesse não reside em determinar eventos que possam ser estatisticamente quantificados, como o número de suicídios documentados nas fontes romanas ou gregas, mas em compreender conceitualmente as distinções entre martírio e morte voluntária no cristianismo

¹ CIM-UFPEL / PPG-Filosofia UFRGS / alexandre.reis@ufpel.edu.br

² PPG-Filosofia UFRGS / ana.rieger@gmail.com

primitivo, o que será fundamental para um diálogo mais aprofundado com Agostinho.

Apesar das divergências na crítica contemporânea (como as de Ste. Croix, Buck, Droge e Tabor), que se afastam de autores mais conservadores da teologia (como Moll, Von Campenhausen e Siebenrock), a própria Igreja primitiva frequentemente adotava uma posição crítica em relação ao martírio voluntário. Clemente de Alexandria, por exemplo, condenava aqueles que buscavam ativamente a morte, sublinhando as tensões que cercam a compreensão desses conceitos. De nossa parte, cumpre estabelecer o momento exato em que a morte voluntária se torna propriamente *suicidium*, diferenciando-se do *martyrium* ainda hoje aceito e defendido pela Igreja Católica, como pode ser conferido *Lumen Gentium* (1964, cap. 42).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, utilizando a análise textual e histórica como ferramentas metodológicas principais. O foco do estudo é a comparação de exempla de mártires do cristianismo primitivo, especialmente os casos de Policarpo de Esmirna e Euplio. Para isso, foram realizadas leituras detalhadas de fontes primárias, como o *Martyrium Polycarpi* e as *Acta Eupli*, enfatizando os aspectos retóricos, teológicos e culturais que envolvem os conceitos de morte voluntária e martírio. De modo complementar, foi feita uma revisão da literatura secundária, integrando debates contemporâneos sobre o martírio cristão, com foco em autores como Ste Croix, Lorraine Buck e Candida Moss. A metodologia consistiu em duas etapas principais: a análise textual qualitativa dos exempla e a contextualização histórico-teológica, permitindo um diálogo com a tradição cristã e as influências romanas e helenísticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos textos martirológicos de Policarpo e Euplio revela nuances significativas sobre a concepção de morte voluntária no cristianismo primitivo e a maneira como o martírio contribuiu para a formação de uma identidade cristã distinta. No caso de Policarpo, sua morte é apresentada como um ato de submissão à vontade divina, contrastando com o martírio ativamente buscado por Euplio, que, conforme as *Acta Eupli*, se apresentou ao governador romano portando os Evangelhos proibidos e declarando seu desejo de morrer por ser cristão.

A discussão sobre a distinção entre martírio voluntário e involuntário ganha relevância na obra de Ste Croix, que categoriza os mártires de acordo com a intensidade de suas ações em busca da morte. Enquanto Policarpo, apesar de seu status autoritativo, é retratado como alguém que não buscou a morte, Euplio representa uma fé que desafia as normas romanas de maneira explícita, levando a um debate teológico sobre a legitimidade desses atos, um tema amplamente discutido nas análises modernas de Buck e Moss.

Os resultados indicam que a construção da identidade cristã no período pós-apostólico foi fortemente influenciada por esses relatos de martírio. Policarpo, ao inverter as acusações de ateísmo e declarar que os verdadeiros "ateus" eram seus

perseguidores romanos, não só reforça os valores cristãos, mas também subverte as normas imperiais, apresentando uma alternativa moral e teológica. Em contraste, Euplio, embora não possua a autoridade de Policarpo, intensifica o fervor religioso com sua busca voluntária pela morte, ressaltando a crença na vida eterna e a convicção na promessa cristã de redenção.

Essa discussão reflete as tensões internas no cristianismo primitivo entre o desejo de enfrentar a perseguição e o imperativo de preservar a comunidade cristã, temas que ainda ressoam nas interpretações contemporâneas do martírio. A análise comparativa dos dois exempla demonstra que, embora ambos representem atos de fé extrema, suas narrativas atendem a diferentes necessidades teológicas e pastorais dentro do cristianismo primitivo.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos exempla de Policarpo e Euplio, fica claro que o martírio desempenhou um papel crucial na definição da identidade cristã nos primeiros séculos. Policarpo, com seu martírio quase involuntário, exemplifica uma aceitação tranquila da vontade divina, enquanto Euplio representa uma busca ativa pela morte como um testemunho de fé, desafiando diretamente a autoridade romana.

A pesquisa revela que a distinção entre martírio voluntário e involuntário foi tema de intensa discussão nos círculos teológicos antigos e na academia moderna. O conceito de morte voluntária, especialmente no caso de Euplio, resalta o complexo relacionamento entre os cristãos e o poder romano, demonstrando como a prática do martírio serviu para consolidar a fé e a resistência cristãs.

As implicações teológicas são vastas. Policarpo inverte a acusação de ateísmo, sublinhando que o cristianismo oferece uma nova visão do divino que transcende as limitações do politeísmo romano. Por outro lado, Euplio, ao buscar ativamente a morte, encarna a crença na imortalidade da alma e na vitória sobre as forças imperiais. Esses dois exempla servem como poderosas metáforas das diversas maneiras pelas quais os cristãos primitivos interagiram com seu contexto cultural e político.

Em síntese, a análise comparativa revela que, embora o martírio de Policarpo tenha recebido maior legitimidade nas tradições cristãs posteriores, o caso de Euplio não deve ser subestimado. Ele representa uma corrente do cristianismo que valoriza o enfrentamento direto, e sua narrativa, embora menos influente, contribui para uma compreensão mais ampla do papel do martírio voluntário no desenvolvimento da identidade cristã. Por fim, devemos considerar que trabalho representa um argumento de base para defender a tese que se desenvolve em sequência, na qual argumentamos que Santo Agostinho inventou a ideia de *suicidium*, condenando a morte voluntária como crime inafiançável, ao passo em que suspende o juízo para o caso dos *mártires cristãos*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTINE, Saint, Bishop of Hippo. *The works of Saint Augustine*. Edmund Hill; John E. Rotelle, Editors. Augustinian Heritage Institute. New City Press, 1990. (Volume 9).

AUGUSTINE, Saint. *The Works of Saint Augustine: A Translation for the 21st Century. Part III — Sermons. Volume 9: Sermons 306-340A on the Saints*. Tradução e notas por

Edmund Hill; editor John E. Rotelle. Hyde Park, New York: New City Press, 1994. Publicado pelo Augustinian Heritage Institute.

BUCK, Lorraine. *Martyrdom and the Practice of Religion: A Study of Early Christian Martyrdom*. New York: Oxford University Press, 2009.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. O Pedagogo. Trad. de J. B. B. de Melo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

DROGE, Arthur J. *A History of the Early Church: The Theology of Martyrdom in Early Christianity*. London: Routledge, 1992.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Cartas*, in. Patrística (Vol. 1 - Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papías, Didaque) - *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 2019.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, vol. 4)

JEROME. in: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (Eds.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Second Series, Volume 6. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1893. *Against Jovinianus* (pp. 777-905); *The Letters of St. Jerome* (pp. 50-692); *The Perpetual Virginity of Blessed Mary (Against Helvidius)*, (pp. 756-776).

JERÔNIMO (HIERONYMUS). *Adversus Jovinianus*. In: Migne, J.-P. (Ed.). *Patrologiae Cursus Completus, Series Latina*. Paris: Imprimerie Catholique, 1844-1855, vol. 23, cols. 211-338.

LIBANIUS. *Selected Orations*, Volume II: Orations 2, 19-23, 30, 33, 45, 47-50. Edited and translated by A. F. Norman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1977.

MOSS, Candida R. *The Myth of Persecution: How Early Christians Invented a Story of Martyrdom*. New York: HarperOne, 2013.

MUSURILLO, Hebert, *The acts of the Christian martyrs*. Introduction, texts and translation by Herbert Musurillo. Oxford, Clarendon Press, 1972

RODD, Thomas (Ed.). *Arguments of Celsus, Porphyry and the Emperor Julian against the Christians*. London: Thomas Rodd, 1830. Disponível em: Google Books. Acesso em 26 de junho de 2024.

STE. CROIX, G. E. M. de. *Class Struggle in the Ancient Greek World*. Londres: Duckworth, 1981.

TERTULIANO. *Apologeticus* in. Ante-Nicene Fathers, Vol. 3. Edited by Alexander Roberts, James Donaldson, and A. Cleveland Coxe. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885.

VON CAMPENHAUSEN, Hans. *The Fathers of the Church: A Comprehensive Introduction*. Trad. de E. L. Smith. Londres: Adam & Charles Black, 1965.